

O POVO NAS PÁGINAS DE "A TESOURA"

MARIA LÚCIA DE SOUZA RANGEL RICCI

Universidade do

Estado de São Paulo, Franca

Sendo a Europa palco de profundas transformações econômicas, sociais e políticas no decorrer do século XVIII, as riquezas que se acumularam em terras européias, decorrentes da expansão marítima, e da exploração de novas terras, a partir dos últimos anos do século XV e princípios do XVI, permitiram um revezamento entre Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra no domínio dos mares, criando condições para o desenvolvimento de novas forças de produção que entraram em choque com as relações de produção dominantes.

Com o fortalecimento da burguesia mercantil, ca paz de impor mudanças nos mecanismos do Estado, advieram contradições que geraram uma seqüência de antagonismos e uma sucessão de convulsões sociais que alcançaram o ápice na "Gloriosa Revolução". Eliminados os conflitos, estabeleceram-se, gradualmente, no transcurso dos séculos XVIII e XIX, as condições históricas para as inovações técnicas que, sob o nome de "Revolução Industrial", afetaram no âmago a estrutura econômica, dando margem ao predomínio do capital industrial, que, por sua vez, revolucionaria a ordem vigente e consolidaria o capitalismo como sistema imperante.

Germinaria, assim, na própria dinâmica dessa nova sociedade, a difusão da ideologia liberal, imprescindível ao capitalismo no seu alvorecer. A divulgação dessa idéia, levou-a além dos limites europeus, fez a travessia do Atlântico e chegou ao Novo Mundo, onde encontraria terreno próprio ao seu cultivo, porém de uma forma diversa daquela que lhe gerara. Alastrando-se no Novo Mundo o pensamento liberal ajustou-se ao momento histórico em que o "sistema colonial tradicional" apresentava-se em crise e destoante da conjun-

tura a que se achava interligado, transformando-se na ideologia norteadora das reações ao jugo colonial europeu, vindo a assumir características identificadas à cada uma das áreas americanas.

A continuidade do processo histórico trazendo consigo um aprofundamento nas persistentes contradições, motivou a emergência de focos subvertedores da ordem colonial. Assim, ao lado de sintomas inovadores na economia colonial, subterraneamente, tramavam-se ações conspiratórias para a emancipação colonial. A flama da liberdade passou a ser alimentada na Vila de Itambé, local escolhido para a fundação do Areópago, cujos ensinamentos produziram resultados imediatos.

O malogro da "Conspiração dos Suassunas" e o natural encerramento das atividades do Areópago de Itambé, acabaria com o ciclo das tramas despreparadamente urdidas em solo brasileiro. Porém, a "árvore da liberdade" frutificaria novamente, com o aparecimento das Academias dos Suassunas e do Paraíso e do próprio Seminário de Olinda.

À chegada da Corte Portuguesa ao Brasil sensíveis mutações ocorreriam na paisagem social, econômica e política brasileira, num panorama emoldurado pela divulgação dos princípios liberais, superestrutura ideológica do emergente sistema capitalista, numa influência típica do socialismo utópico francês de Saint-Simon, Cabet, Fourier, Louis Blanc, Proudhon, bem como do cristianismo social de Lamennais e Lacordaire. Claro está que este socialismo utópico, além de suas fragilidades peculiares, não pode adaptar-se facilmente à realidade brasileira ignorando suas contradições específicas e a sua própria imaturidade no sentido de poder propiciar uma revolução proletária socialista. Em verdade desarmados teoricamente e contando com situações adversas, a geração dos chamados "quarante-huitards" no Brasil, seria apenas pioneira, o que para a época, foi bastante.

Sem dúvida que não nos parece pequena a influência dessa geração "quarante-huitard" no Brasil, especificamente em Pernambuco, sem ser uma geração de todo frustrada, uma vez que seu testemunho ficou, quando nada, nas "penas"

de Antonio Pedro de Figueiredo, de Antonio Borges da Fonseca, de José Inácio de Abreu e Lima, apenas para lembrarmos os de maior atuação. É, nesta perspectiva, que nos parece importante analisar, um destes momentos, nas páginas de A Tesoura, pasquim de provável autoria de Borges da Fonseca.

Homem intrépido, espírito inflamado, habituado a planejar desordens e revoluções, conhecedor profundo de Rousseau, Cabet, Fourier, apto para comunicar-se com a "mas sa" pelo seu estilo rasteiro, pela sua força de mando em nome da liberdade.

Vivenciando, tanto na Paraíba quanto no Recife as rebeliões de 1817, 1821 e 1824, tais movimentos lhe deixaram no espírito a marca da liberdade que lhe determinaria toda conduta e ação políticas daí para a frente. Pretendia a nacionalização do comércio, a abolição gradual da escravidão e a unidade territorial do Brasil. Fora, em toda sua vida, um republicano em sua essência.

Sua atuação no jornalismo foi intensa, principalmente nos pasquins, reveladores de toda sua proposta política. Fora ele, como pasquineiro e panfletário o de mais longa e ampla atuação jornalística, tendo redigido cerca de 25 periódicos entre os anos de 1828 e 1869, dos quais poderemos lembrar: O Republico (em várias fases (cinco) desde 1830 a 1855); o Publicador Paraibano (1833); O Correio do Norte (1841/42); O Nazareno (1843/48); O Eleitor (número único em 29/06/1844); O Regenerador Brasileiro (de 26/05 a 06/09/1844); O Espelho (1845); A Tesoura que, para Alfredo de CARVALHO¹ é de sua autoria, (a do ano de 1828, que não conseguimos localizar), e, A Tesoura, dos anos de 1868/69, que a seguir analisaremos, procurando demonstrar ser esta também de sua lavra panfletária, não só pelo seu estilo, mas principalmente pelas propostas inseridas ao longo do "jornaleco", que, muito seguramente nos mostram o veemente panfletário-populista.

Borges da Fonseca atacou sempre a opressão (tanto a interna quanto a externa, não apenas portuguesa como igualmente a inglesa e a francesa), procurando ficar equidistante dos Partidos Políticos, acima deles mesmo, para assim poder ficar mais perto do povo, cujos interesses, no seu

entender, eram indiferentes aos da cúpula.

Sofreria igualmente influência de KOSSUTH², principalmente por ser o panfletário em foco, um radical, e, dos mais ativos, propugnando pela Revolução e pelo bem-estar do povo, embora fosse consciente do mal da precipitação insurrecional, vendo sempre o sentido econômico na República. Tal propósito o acompanharia até sua morte. Nas páginas de O Tribuna, em 1867, teria ele exigido o "*direito a vida material, a vida intelectual e moral, à liberdade, à soberania, isto é, ao sufrágio universal*".

No entanto, teria ele também vacilado entre uma república igualitária e aquela dentro das reformas dos quadros constitucionais do Império, tendo afirmado no seu "Manifesto ao País", no Diário de Pernambuco de 19 de novembro de 1856 que: "*Não sou hoje republicano, pois não quero impor à Nação meu pensamento, não quero ditar-lhe minha vontade, nem forçá-la a entrar no governo de minhas crenças, de minhas aspirações; espero, pois, que a Nação chegue ao ponto*". Queria, em última instância, e tão somente, que o Brasil fosse dos brasileiros. Teria publicado no pasquim O Foguete, de 29 de junho de 1844, o seu "Credo Político": "*Creio no povo, único poderoso, criador das associações e dos governos; creio no congresso constituinte, único filho seu, nosso organizador, que foi concebido por obra da civilização americana, o qual nasceu do voto nacional, e padeceu dissolução sob o Poder de Pedro primeiro, sendo crucificado, morto e sepultado, descendo de categoria; e subindo depois ao seu primitivo estado, nesta província pela Confederação do Equador, ficou sentado ao lado do povo, único poderoso, onde um dia há de vir julgar aos áulicos e traidores, creio na soberania do povo, na brasileira nação, que deve ser somente dos brasileiros; creio na ressurreição da constituinte, e na vida eterna da liberdade. Amém*".

Nesta linguagem irreverente e violenta vê-se claramente o fascínio de Borges da Fonseca pelo Igualitarismo rousseaniano de Robespierre, levado ao seu ápice no jacobinismo. E, neste mesmo ano de 1844, nas páginas de O Nazareno (28 de agosto), Borges da Fonseca elogiaria abertamente o socialismo, quando afirmava: "*O princípio da sobera-*

nia do povo, tal como o têm proclamado as sociedades modernas, deve seu desenvolvimento à necessidade da emancipação dos trabalhadores". E, acreditava caber a Pernambuco a salvação do Brasil.

Chegou este panfletário a separar o "povo" do "antipovo", a "Nação" da "Antinação", compreendendo bem o sentido da fidelidade do espírito da Insurreição de 1848/49.

A Tesoura foi impressa em Pernambuco, na Typografia Republicana Federativa Universal, situada à Rua do Imperador, nº 35, entre os anos de 1868/69, in 4º.

O nº 1 desta publicação data de 5 de agosto de 1868, e, o nº 13, último deste primeiro ano, é de 14 de outubro. A 4 de março de 1869, saiu o nº 1 do segundo ano, e, não mais encontramos nenhum outro exemplar a partir de então, o que nos leva a afirmar que o pasquim deixou de existir.

Não vemos nele, como aponta Alfredo de CARVALHO³, um caráter humorístico, mas sim altamente satírico e ferino, labutando a favor do povo e concitando-o, se necessário fosse, ao derrame de sangue, para conseguir a sua liberdade.

Logo à primeira página do seu número 2, do primeiro ano, datado de 11 de agosto de 1868, declara A Tesoura que não se descuidará dos interesses do "povo", já que *"em um país livre o Povo deve ser soberano e merecer todas as atenções, porque o Povo é tudo; e tudo que não for elle, nada é. A sua soberania é a unica verdadeira; mas a sua soberania ainda não é uma realidade; só o será quando o Povo, reconhecendo as verdades que tenho enunciado, se erguer à sua devida altura e exigir do poder, d'este poder bastardo, a liberdade que nunca lhe deram"*.

Aí o verdadeiro propósito de A Tesoura: lutar por essa liberdade apesar do governo querer "aparar-lhe" os golpes.

À página 2 deste mesmo segundo número, declara o que é o povo: *"O Povo é a sociedade, é a Nação, é a verdadeira soberania. Fora do Povo só ha usurpação. É melhor a*

anarchia do Povo, do que a opressão do poder".

Achava que o povo, custasse o que custasse, deveria sempre reivindicar seus direitos, mesmo que para tanto necessário fosse derramar seu próprio sangue, já que o homem nasce livre e livre deveria viver.

Critica os conservadores da época (pela A Tesoura chamados de "vermelhos"⁴, por sugarem sempre o "povo" e por acharem anárquico o periódico que antes de o ser, era, acima de tudo, "o amigo do Povo", acreditando que "*oppor-se ao Liberal é seguir o governo, é ser vermelho*"⁵, pois a liberdade é única, e, como tal só poderia haver um Partido Liberal.

Por outro lado acreditava A Tesoura que, com relação ao escrutínio, o "povo" não deveria deixar-se escravizar e levantar-se pelo governo, pela política do imperador, uma vez que deveria ele fazer valer seus direitos para que, de fato, o governo cumprisse o seu dever, não zombasse do voto popular e se sujeitasse à vontade nacional, já que só por ela é que o trono era ocupado por ele. Só através das urnas é que estaria inserida a Liberdade⁶. Prosseguindo afirmaria: "*Não ser liberal hoje, é ser inimigo do Povo; não fazer guerra crua ao inimigo mais cruel do que o próprio inimigo ... Ser genuíno é ser liberal, ser progressista é ser liberal ... Por tanto, é ser traidora Liberdade, é ser conservador, e conservador mais perigoso do que o próprio Pedro II*"⁷.

O Programa de Reforma de A Tesoura está inserido claramente no divulgar de autonomia do povo, dentro do espírito federativo:

*"Descentralização;
Polícia electiva;
Extinção do poder moderador;
Suffragio directo e generalisado;
Ensino livre;
Abolição da Guarda Nacional;
Senado temporario e electivo;
Presidentes de provincias, eleitos pelas mesmas;
Separação da judicatura da policia;*

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos Tribunais superiores e poder legislativo;

Magistratura independente, incompatível e a escolha de seus membros fora da acção do governo;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem nomeação para empregos publicos e igualmente titulos e condecorações;

Os funcionários publicos uma vez eleitos deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

Só assim se reconstituirá o partido liberal preparado com antecedencia para consultar a nação em face do governo de dictadura..."⁸.

Interessante, outrossim, a abordagem feita no número 9, de 19 de setembro de 1868 sobre a Democracia Representativa, quando afirma: "Todo homem livre e independente tem direitos absolutos que ninguém lhe pôde tirar, pois todos os homens são eguaes perante a lei suprema que lhes conferiu' esses direitos.

O que se disse do homem, diz-se dos Povos. Um Povo tem, por tanto, o direito de governar-se, como qualquer homem o tem.

Por consequencia ninguém pôde chamar a si a direcção de um Povo, sem que esse Povo lhe dê auctorisação para tanto.

... O Governo, portanto, do Povo pelo Povo, o Governo Republicano Federativo, é o unico governo legitimo.

Eis porque a Democracia Representativa é o verdadeiro governo social, e o unico que satisfaz a razão e a liberdade do homem.

Levante-se resolutos o partido Republicano Federativo".

Por outro lado A Tesoura não via nas aspirações do "povo" ambições, mas sim, direitos. Diria então: "Ambição

*ha, mas é do egoísmo, no exclusivismo, no monopólio do governo hereditário. Essa ambição é que se devia cortar"*⁹.

Nos últimos números desta primeira fase de A Tesoura é abordado o problema do término da Escravidão no Brasil e a luta pela não continuidade do 3º Reinado em terras brasileiras, em linguagem não menos veemente e ferina, à moldes do que assistiríamos, posteriormente, ao final do século XIX, nos opúsculos e conferências-"meetings" ocorridas notoriamente nas cidades de Santos, Campinas e Rio de Janeiro, no ano de 1888, principalmente sob a responsabilidade de Antonio da Silva JARDIM¹⁰, o grande propagandista revolucionário da República.

Seria mais uma amostragem da influência dessa geração de 1848, de Pernambuco, na vida política brasileira, principalmente no que tange à linha revolucionária da República, linha esta que não vingou, uma vez que os ideólogos revolucionários de 1889 não viram seus "sonhos" se concretizarem, já que a República que tivemos estaria na linha do republicanismo histórico, onde o povo, simplesmente, assistiria ao acontecimento.

Praticamente com A Tesoura e com a terceira fase d'O Tribuna (1869), encerrar-se-ia toda vasta produção deste agitador e grande jornalista político que fora Borges da Fonseca, pois, a 12 de abril de 1872, viria a falecer no Recife, o grande agitador de 1848, ainda inquieto, como aliás o foro durante toda sua vida.

Deixou-nos, contudo, através de suas inúmeras páginas a grande mensagem para as "massas", o caminho para os republicanos que o sucederam, conseguindo vivenciar o verdadeiro nacionalismo, demonstrando que o revolucionário não é um anarquista e que o importante seria saber aproveitar o potencial revolucionário do povo.

E o que nos parece ainda fundamental de ser ressaltado é que, longo do Idealismo dos que pretendem fazer uma História do Pensamento desvinculada das suas raízes sociais, temos não apenas nas páginas de A Tesoura, como nos demais escritos de Borges da Fonseca, a oportunidade de analisar a "ação recíproca" entre realidade e consciência da

realidade, na História das Idéias Sócio-Políticas, oferecendo-nos, pois, o ensejo para um bellissimo estudo do caminho ideológico brasileiro, seguido de suas transformações infra-estruturais.

Revistas e outras publicações periódicas
Catálogo organizado para os Anais da Imprensa Periódica Brasileira. Parte I. Tomo Especial de Revistas do Insti-
tuto Histórico e Geográfico Brasileiro, dedicado à Ex-
posição Comemorativa do 19 Centenario da Imprensa Bra-
sileira no Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional -
1908, p. 405.

2. JACQUES MOSKOWITZ, *Força do nacionalismo internacionalista, em*
reflexões, tendo intuito central sobre a "estratégia"
e "tática" da "revolução". Por este texto vemos claramente a
alguma hesitação de sua posição, por ser, digamos, um
herói "revolucionário" que propõe um combate não das línguas
latinas modernas. Em sua teoria de influência revolucionária
sua principal força (como a palavra "revolução" de Moskovitz)
destacando a "força" e a "tática" de revolução os outros na-
cionalistas em sua grande, porém extremamente débil em
forças para poder enfrentar a revolução socialista.
A crítica baseada na economia nacionalista.

3. CARVALHO, Afonso de. Op. cit., p. 312.

4. A *Tecoura* - Ano I, IV de setembro de 1908, no 6.

5. *Ibidem*, 2 de setembro de 1908, no 7.

6. *Ibidem*, *ibidem*, p. 2.

7. *Ibidem*, *ibidem*, p. 2.

8. *Ibidem*, 2 de setembro de 1908, no 6, pp. 1-2.

9. *Ibidem*, 12 de setembro de 1908, no 10, p. 2.

10. É bom que se saiba que as propostas de SILVA JARDIM es-
tariam em alguns casos, muito próximas às de Borges de
Fonseca, principalmente no que tange a não continuidade
do IV Partido, assim como de "governo" e da participação
de "massas" no governo. Sobre o assunto consultar: KIEZI,
Maria Lucia de Souza Kangel. *Considerações sobre o gen-
eramento político de Silva Jardim*. Tese de Doutoran-
ça apresentada ao Departamento de História da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universi-
dade de São Paulo, 1976. (Mimeo.).

N O T A S

1. CARVALHO, Alfredo de. Estado de Pernambuco. Jornnaes, Revistas e outras publicações periódicas de 1821 a 1908. Catálogo organizado para os Anais da Imprensa Periódica Brasileira. Parte I, Tomo Especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dedicado à Exposição Commemorativa do 1º Centenário da Imprensa Periódica no Brazil, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional - 1908, p. 405.
2. Lajos KOSSUTH, fora um nacionalista intransigente, um reformista, tendo lutado contra a monarquia estrangeira e tradicionalista. Por isto teria causada admiração a alguns brasileiros de sua geração, por ser, digamos, um herói "lendário" que projetou sua sombra além das fronteiras húngaras. Era uma forma de infundir esperanças aos brasileiros (vendo a pequena República de Budapest desafiando o Kaiser e o Tzar), de acirrar os ânimos nativistas em um país grande, porém extremamente débil em forças para poder enfrentar europeus e norte-americanos, já então dominando a economia nacional.
3. CARVALHO, Alfredo de. Op. cit., p. 515.
4. A Tesoura. Anno I, 1º de setembro de 1868, nº 6.
5. Idem, 5 de setembro de 1868, nº 7.
6. Idem, ibidem, p. 2.
7. Idem, ibidem, p. 5.
8. Idem, 8 de setembro de 1868, nº 8, pp. 1-2.
9. Idem, 29 de setembro de 1868, nº 10, p. 2.
10. É bom que se afirme que as propostas de SILVA JARDIM es tariam, em alguns casos, muito próximas às de Borges da Fonseca, principalmente no que tange a não continuidade do 3º Reinado, aos direitos do "povo" e da participação da "massa" no governo. Sobre o assunto consultar: RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel. Considerações sobre o pensamento político de Silva Jardim. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1976. (Mimeo.).